



T RAMOS, Paula.
Luzes e Sombras (Lucia Koch, Regina Silveira e Rochele Costi).
 1999. (5 p.) [revista]

ANO LIVRE-SE

G A L E R I A

Luzes e sombras

Por Paula Ramos

Fechando a série especial sobre os artistas gaúchos participantes da II Bienal Mercosul, APLAUSO mostra nesta edição o trabalho de três mulheres, digamos assim, luminosas: Lúcia Koch, Rochelle Costi e Regina Silveira. E luminosas dubiamente. Além de desenvolverem linhas de pesquisa muito bonitas e originais, todas se utilizam, de alguma forma, da luz.

Talvez a mais apaixonada por essa energia seja a porto-alegrense Lúcia Koch. Por meio de luzes, filtros coloridos e projeções, ela procura apontar a presença inequívoca da luz nos mais variados e diferentes ambientes, ao mesmo tempo em que cria espaços filtrados por luminosidade e cores.

No rastro da sombra – essa irmã da luz – está Regina Silveira. Desde o final dos anos 70, a pintora e gravadora Regina vem desenvolvendo uma linguagem muito própria, ancorada na perspectiva, na projeção de exageradas e distorcidas sombras carregadas de significados e, fundamentalmente, na sua rara inteligência. No ano passado, seu talento foi celebrado na fachada do Pavilhão Cicillo Matarazzo, onde acontecia a XXIV Bienal Internacional de São Paulo. Regina criou *Tropel*, revestimento em vinil montado sobre uma área de 500 metros quadrados, que era como uma grande galopada de animais domésticos e selvagens, deixando suas pegadas e rastros. Agora, para a II Bienal Mercosul, ela prepara uma nova e instigante aventura perceptiva. Que você vai conhecer nessa reportagem.

Rochelle Costi também explora espaços de luzes e sombras, embora por um caminho diferente. O seu universo é a fotografia. No ano passado, foi destaque na Bienal de São Paulo, com uma série de fotos em que registrava quartos de dormir de pessoas das mais diferentes classes sociais. Para a Bienal Mercosul, Rochelle vai apresentar grandes painéis fotográficos em que retrata casas do interior da região de Caxias do Sul, sua cidade de origem. Seu objetivo é fazer uma reflexão sobre os imigrantes italianos e seus descendentes, que "clonaram" aqui no Brasil uma vida que tinham na Europa.

Flávia de Quadros



João Musa



Flávia de Quadros



Lúcia Koch, 32 anos, é formada pelo Instituto de Artes da UFRGS, onde atualmente cursa o Mestrado. Integra o projeto Arte Construtora desde sua criação, em 1993. Este ano, expôs na coletiva *Território Expandido*, no SESC-Pompéia, em São Paulo, e, em 96, foi uma das artistas participantes do *Antarctica Artes com a Folha*, também em São Paulo. Vive em Porto Alegre e seu trabalho poderá ser visto no DEPREC, que fica ao lado da Usina do Gasômetro.

Presença sutil
Ao lado, *Casa Própria*,
interferência realizada no Arte
Construtora da Ilha da Pólvora,
em 1996. Na outra página,
***Círculo - Quarto da Babá*, no**
Arte Construtora 1994



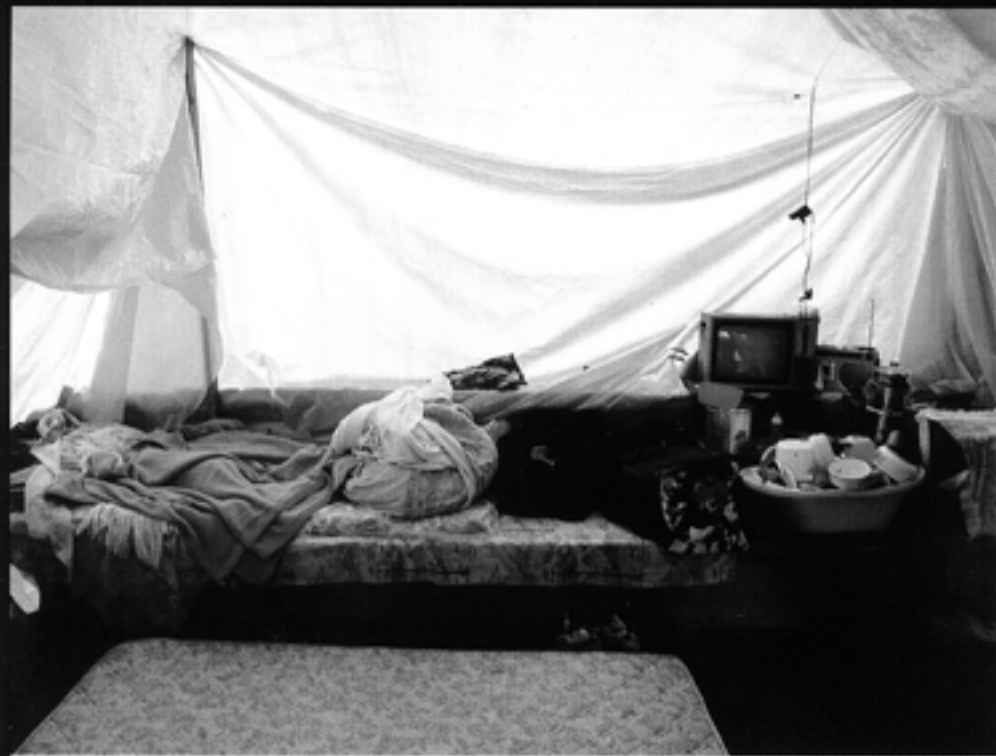
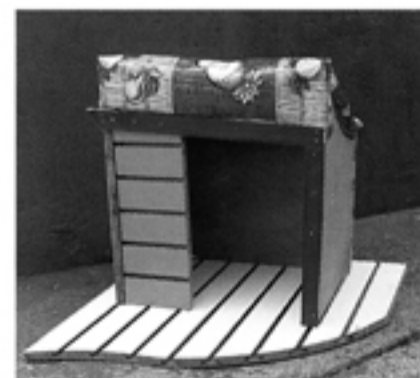
Rochelle

Com um ano e meio de idade, descobriu-se que a pequena Rochelle Costi era estrábica. Para tentar reverter a situação, a menina iniciou uma exaustiva bateria de exercícios ópticos corretivos. Abria um olho e fechava outro. Forçava a visão para tentar "ver melhor", e por aí vai. Rochelle acredita que essa experiência tenha influenciado definitivamente na sua escolha profissional. Uma opção que, mesmo sem querer, sempre foi estimulada pelos pais. Aos 7 anos, ela já fotografava com a Rolleiflex da família. Logo depois, com sua Rio 400 da Kodak, divertia-se tirando fotos da cidade, dos amigos e parentes. Não deu outra.

Hoje, aquela que poderia ter a visão comprometida, explora todas as possibilidades de seu recorte de olhar. E o resultado tem, cada vez mais, surpreendido. Na Bienal de São Paulo do ano passado, as imagens de Rochelle foram um dos pontos altos. Fotografando 16 quartos de dormir de pessoas das mais distintas e díspares classes sociais, ela proporcionou uma espécie de devoração antropológica. Expôs o quarto de uma freira de 87 anos, de um apartamento luxuoso, de mendigos, de desabrigados de um incêndio, entre outros. "Ao observar a maneira como o

Intimidade

À esquerda, *Quartos - São Paulo*. Painéis de 1,83 m x 2,30 m, de 1998. Com esse trabalho, Rochelle conquistou o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da Funarte. As fotos também foram destaque na XXIV Bienal Internacional de São Paulo



Costi

cidadão se relaciona com o espaço, as cores e as texturas que escolhe para conviver, de que forma ele ilumina seu cotidiano e quais os objetos que conserva de seu passado, vêm a tona dados antropológicos para a compreensão do ser humano. Talvez ele esconda na intimidade do ambiente doméstico os segredos maiores de sua existência."

No México, na Galeria Nina Menocal (sua primeira exposição individual no exterior), Rochelle expôs recentemente *Casa Própria - Catalogação*, uma série de fotografias de casinhas para cachorro. Ela mesma construiu essas casinhas, a partir de sucatas encontradas em vários bairros da Cidade do México. Dos bairros mais pobres, surgiram casas modestas. Dos mais abastados, contemporâneas. E assim por diante. Essa pesquisa sobre as referências da vida privada aparece desde o princípio de sua trajetória, quando a fotógrafa fazia registros de sua própria casa, de objetos e pequenos ambientes.

Para a II Bienal Mercosul, o estímulo de Rochelle recai novamente nos ambientes criados pelo homem para passar sua vida, sempre atentando para a forma com que ele se utiliza dos recursos e do

espaço de que dispõe. Ela vai mostrar fotos de casas do interior da região de Caxias do Sul, sua cidade natal. São como recordações que fotografou, recortes de sua memória, de quando morava na cidade e ia visitar parentes no interior, passando por aquelas casas rústicas e como que deslocadas no espaço e também no tempo. "O interessante é que os colonos tiveram de clonar a vida deles a partir de um espaço escolhido e das culturas e tradições que eles trouxeram, que eram diferentes das que existiam aqui", afirma.

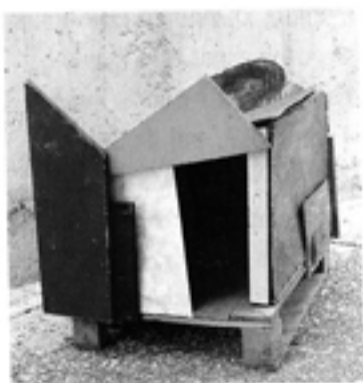
Depois de fotografadas, essas imagens serão novamente deslocadas: da serra para a beira do rio, em Porto Alegre. Serão quatro painéis de 2,50 m x 3,70 m, cada um trazendo uma foto. Como *outdoors*, embora menores. Ficarão do lado de fora do DEPREC, junto ao ambiente e à vegetação local. "Quero provocar um estranhamento entre os espectadores. Eles olharão para aquelas imagens e saberão que elas estão descontextualizadas, fora do local de origem."

Na verdade, essas são as casas para onde Rochelle sempre volta em imaginação e que, agora, vão ser externadas em grandes formatos.

Flávia de Quadros



Rochelle Costi, 38 anos, nasceu em Caxias do Sul e é formada em Comunicação Social pela PUC-RS. Trabalha com fotografia. Em 1995, participou do programa Panorama da Arte Brasileira, recebendo o Prêmio Estímulo. Em 1997, recebeu o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da Funarte com o projeto Quartos - São Paulo, que também foi mostrado na XXIV Bienal de São Paulo, no ano passado. Neste ano, realizou sua primeira exposição individual no exterior, na Galeria Nina Menocal, na Cidade do México. Terá seu trabalho exposto no DEPREC



Luxo de cachorro

Aproveitando sucata de vários bairros da Cidade do México, Rochelle construiu casinhas de cachorros e as fotografou em sua primeira exposição internacional

Vertigem

A *Escada Inexplicável II* traz uma percepção do abismo, como uma armadilha no espaço. Ao lado, sua montagem na mostra *Porque Duchamp*, no Paço das Artes, em São Paulo



Fotos: João Musa

Regina Silveira

Uma das presenças mais aguardadas para a II Bienal Mercosul é a de Regina Silveira. Artista inquieta, ela vem revolucionando o cenário das artes plásticas no país, há mais de 40 anos, com uma pesquisa carregada de requinte e significações.

Para a II Bienal, a artista vai trazer três trabalhos: as *Escadas Inexplicáveis II e III* e o *Super X*. O *Super X* já é um velho conhecido dos paulistanos e também voou, em outubro do ano passado, em Buenos Aires, durante exposição de Regina, no Museu de Arte Moderna da cidade.

Trata-se da grande projeção de um estereótipo de super-herói. Na verdade, pode-se dizer que o *Super X* é um herói esquemático: ele tem as características mínimas para ser reconhecido como um super-herói – como uma espécie de Super-Homem das histórias em quadrinhos e da televisão.

No projeto original de Regina, esse personagem se materializa sob duas formas: uma diurna e a outra noturna. De dia, os transeuntes da cidade de São Paulo podiam ver um gigantesco recorte de 36 metros de altura de vinil

preto aderido a um prédio do movimentado centro. À noite, via-se uma projeção luminosa voando sobre edifícios e passantes, em laser. É essa mesma projeção que os portenhos viram no ano passado – como ilustra a foto na página ao lado – e que os porto-alegrenses e visitantes da bienal verão também, por uma ou duas noites, na Praça da Alfândega.

Já as *Escadas Inexplicáveis* de Regina têm uma história muito curiosa. No interior da Igreja de Loretto, em Santa Fé, nos Estados Unidos, existe uma linda escada que foi construída

em espiral, em madeira curvada e sem prego algum. Conta a lenda que o marceneiro dessa prodigiosa obra apareceu um dia na cidade, com seu burrico e algumas ferramentas. Fez a escada em pouquíssimo tempo, foi embora e nunca mais apareceu ou se ouviu falar dele. Os devotos acreditam que o marceneiro da história tenha sido São José, pai de Jesus. Mas o fato é que essa *Escada Inexplicável*, como é chamada, é a referência maior dos trabalhos de Regina Silveira que estarão na Usina do Gasômetro. Serão dois grandes desenhos de escadas descendentes em

caracol e na escala do corpo humano. Essas escadas, uma branca e outra preta, serão feitas na forma de objetos laminados e dispostos pelas paredes e pelo chão. *A Escada II* é a preta, uma pintura sobre recorte em chapas de poliestireno, com aproximadamente 24 metros quadrados. É essa imagem que reproduzimos ao lado, na sua montagem na mostra *Porque Duchamp*, que aconteceu este ano, no Paço das Artes, em São Paulo. Já a escada branca, a *III*, é um trabalho inédito. Será a primeira vez que as duas estarão juntas. A diferença entre elas é que a branca deve ser percebida como um desenho no espaço, e a preta fica mais objetual. Ambas, porém, são completamente ilusionistas.

Regina fotografou essas imagens e procedeu a vários tratamentos digitais, inclusive de distorção. O resultado é a sensação de estar diante de uma armadilha no espaço, no alto de um abismo. São trabalhos que, na verdade, não deixam de ser abismos simulados. "Essas *Escadas* reiteram meu interesse pelos espaços virtuais que se percebem como abismos ou aberturas infindáveis para espaços abaixo do chão", comenta Regina.

Esse jogo com os ângulos e a perspectiva, pontuados pela qualidade inegável do desenho e pela aguçada ironia, marcam o trabalho de Regina Silveira desde, pelo menos, o final dos anos 70. Dos estudos de perspectiva e distorções, passando pela apropriação de símbolos e ícones da cultura e história nacional e latino-americana para refletir as ambigüidades e contradições dos mesmos, Regina vem inovando incessantemente. É, seguramente, uma das mais inquietantes figuras das artes nacionais.



Regina Silveira, 60 anos, é gravadora, pintora e uma das mais expressivas artistas plásticas brasileiras da segunda metade deste século. Formada pelo Instituto de Artes da UFRGS, é professora na Universidade de São Paulo. No ano passado, consagrou-se com a elaboração da fachada no prédio da XXIV Bienal Internacional de São Paulo (ver *APLAUSO 7*, em que Regina Silveira foi a reportagem de capa da edição). Durante a II Bienal Mercosul, terá trabalho projetado na Praça da Alfândega e outros expostos na Usina do Gasômetro

Brincadeira

Ao lado, projeção do *Super-Heroi Night* (laser, 1997), da Coleção Itaú Cultural, no bairro San Telmo, em Buenos Aires, 1998

